

REVELAÇÃO
AS CARTAS
DE MITTERRAND
PARA O SEU
AMOR SECRETO

PSD
CRÍTICOS
DE PASSOS
CRIAM
MOVIMENTO

VISÃO

34
NOVIDADES
PARA CONHECER
NO **ALENTEJO**
ESTE OUTONO

HÁ VIDA NOVA NO ALENTEJO

Histórias de persistência
e **paixão** de quem está
a transformar a região, com
pequenos e grandes projetos

Fartos de Lisboa
Bárbara e Pedro
mudaram-se para
perto de Grândola,
onde abriram
um turismo rural



GRÁTIS BLOCO DE NOTAS

Se não estiver colado, peça-o na banca



VAGAR

"Eu sei qual é o preço do sucesso: dedicação, trabalho árduo e uma incessante devoção às coisas que queremos ver acontecer"

Frank Lloyd Wright
Arquiteto
(1867-1959)



FIGURA

Respigadora dos sete ofícios

ARQUITETA E ARTISTA PLÁSTICA DE FORMAÇÃO, **JOANA ASTÓLFI** É, SOBRETUDO, UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS. JUNTA UM LADO METÓDICO A UMA INQUIETUDE QUE A FAZ ADORAR OS ERROS, AS IMPERFEIÇÕES... A VIDA COMO ELA É. À SUA MARCA ESTÁ À NOSSA VOLTA

✎ SÓNIA CALHEIROS ✎ LUÍS BARRA

O cheirinho a sabonete sente-se mal Joana Astolfi abre a porta do seu ateliê em Lisboa. Em cima do balcão de luz, respício da antiga padaria da Rua das Necessidades, espalham-se sabonetes da centenária Claus, marca portuguesa que abriu a sua primeira loja na capital no fim de setembro. Para o seu interior, a arquiteta e artista plástica construiu uma chaminé de sabonetes de onde saem aparentes bolas de sabão (feitas de vidro soprado na Marinha Grande) e, ao fundo, fez sair musgo pelas rachas da parede, como se o vegetal tentasse invadir a loja, numa instalação que celebra a marca Musgo Real. Onde antes se fazia pão, agora o Studio Astolfi faz arte, produzindo peças em pequena escala, como uma estalactite com seis mil botões ou patos de madeira para as montras da Hermès. Desde maio de 2014, que Joana Astolfi, 41 anos, assina as dez montras da casa francesa de luxo, no Chiado. Todos os anos é definido um tema, que depois os designers trabalham sazonalmente – só no inverno o tema é livre (na verdade, está sempre relacionado com o Natal.). Para a "Natureza a Galope" deste ano, Joana Astolfi já abordou os habitats dos animais, na primavera, e o fundo do mar, no verão. "A dificuldade é ter de interligar dez montras. Tenho de criar uma história com vários capítulos que servem para fazer as pessoas sonharem. Vejo-as como uma galeria à vista de todos", conta à VISÃO, enquanto descreve a atual montra outonal dedicada aos fenómenos da Natureza. Joana prefere o arco-íris que acaba num tear, mas o meteorito que rebenta com a parede ou o vulcão de onde sai um lenço em forma de lava não lhe ficam atrás. Joana Astolfi estava no dia certo, à hora certa, quando se candidatou a este trabalho, anteriormente nas mãos do estilista Filipe Faísca. "Os astros estavam todos alinhados. Foi a única vez que fui atrás de alguma coisa. Fascinava-me a ideia de pegar num produto old school contemporâneo e dar-lhe uma cenografia capaz de fazer sonhar", lembra. Um dia entrou na loja e descobriu que estavam à procura de alguém para fazer as montras. Mandou o portfólio, fez a montra seguinte e ficou para uma colaboração "a longo prazo".

Os esboços coloridos dos seus trabalhos para a Hermès e para a Claus estão pendurados nas paredes do ateliê onde trabalha com uma dezena de pessoas, entre

Em 2009, estes auscultadores venderam como pézinhos quentes por todo o mundo e foram fundamentais para Joana Astolfi dar a conhecer o seu trabalho, o seu gosto por misturas improváveis e... “pele erro”

marceneiro, duas escultoras, dois designers, dois artistas plásticos e três arquitetos, com uma linguagem própria. “Contamos histórias. Criamos narrativas que partem sempre de um conceito integrado. Em cada trabalho é preciso perceber o que vai diferenciar aquele espaço dos outros. Só conhecendo bem a história dos lugares consigo criar a minha própria história.”

A colaboração com a Hermès serviu de trampolim para Joana Astolfi começar a trabalhar com outras marcas, antes as suas criações eram apenas para um restrito nicho de clientes privados. Mas nem todas as marcas lhe interessam. Há cinco anos, por exemplo, recusou uma proposta milionária para ser *concept project leader* da cadeia de cafés Starbucks na América Latina. Quando já estava em São Paulo, no Brasil, à procura de casa e percebeu que tinha de desenhar lojas “normais” voltou para Lisboa, onde nasceu em 1975. “Aqui está a minha base. Lisboa é o oásis que me inspira.”

O GOSTO PELO ERRO

Joana Astolfi pensa em inglês. Sem nunca ter estudado numa escola portuguesa (primeiro andou na St. Dominic’s e depois na St. Julians), foi em Inglaterra que se licenciou em Arquitetura na Universidade de Gales, em Cardiff. No quarto ano do curso foi estagiar para um ateliê em Munique, na Alemanha, onde, além das técnicas de construção, aprendeu com os alemães uma filosofia que aplica na sua vida, “*work hard, play hard*”. “Expresso-me melhor em inglês, falo melhor sobre o meu trabalho em inglês”, garante. Em 2002, ao ser a primeira portuguesa convidada para a equipa da Fabrica – Centro de Pesquisa Criativa da Benetton, mudou-se para Veneza. Durante dois anos desenvolveu projetos que cruzam o design, o vídeo, a fotografia e a arte gráfica. Pelas mãos também lhe passou a maior retrospectiva alguma vez feita da obra do escultor Antonio Canova. “Querida expor arte do século XVIII como arte contemporânea, foi uma grande batalha. Mas consegui. Mostrei os sketchbooks do Canova em movimento, brinquei com espriadadas e pus estátuas gigantes como se fossem modelos”.



Depois de 12 anos fora de Portugal, voltou numa altura em que “ninguém sabia o que era cruzar a arquitetura com a arte” e... não foi fácil. “Fui morar para um apartamento de 40 metros quadrados no Bairro Alto, onde a casa de banho era dentro da cozinha. Fui muito feliz, mas estava sempre a contar os trocos”, lembra. Em 2008, assinou um grande projeto que a ajudou a aguentar o barco. O curador Rui Trindade convidou-a para desenhar a exposição dos 100 Anos da CUF, no Barreiro, e o resultado foram 16 instalações que contavam a história da Companhia União Fabril, desde a casinha do pescador, à farmácia, passando pelas matérias-primas e as fotografias dos funcionários.

Joana é filha de um arquiteto carioca e de uma portuguesa dona de uma galeria de arte, e desde criança que conviveu com pessoas do mundo das artes como Justino Alves, Artur Bual, João Cutileiro, Maluda ou Manuel Gargaleiro. “Os meus amigos eram os amigos dos meus pais. Tive de criar o meu mundo porque não tinha muita gente da minha idade para brincar”. O apelido, herou-o da avó paterna, uma aristocrata italiana.

Para conseguir criar, os olhos de Joana Astolfi estão sempre à caça, a “*scanear*”. “Gosto de imperfeições. Gosto da beleza do erro, quando o erro tem humor. Gosto de pormenores, a minha história é ver com a lupa”, diz a artista que se perde na Feira da Ladra e nas lojas antigas da Baixa. Adora o cheiro dos livros velhos, os álbuns antigos com fotografias a preto e branco de desconhecidos e de espertar pelas fechaduras. “Sou uma *collector* e uma *voyeuse* por natureza. Desde pequenina que gosto de colecionar coisas, os meus brinquedos eram sempre antigos e sujos, não me interessavam as bonecas novas...” Sempre que anda às compras não se coíbe de regatear: “Venço-os pelo cansaço”, brinca.

TUDO É UM PROBLEMA PARA RESOLVER

Quanto mais em ruína um espaço estiver, melhor para Joana Astolfi desenvolver a sua história. Ao entrar no ateliê dos Storytailors, um prédio de traça pombalina que resistiu ao terramoto de 1755, perto do Cais do Sodré, percebeu que havia materiais e partes que deviam para ser celebrados. “O que quero é deixar o máximo de memória. Interessa-me criar uma tensão coerente entre os materiais antigos e os atuais”, explica. Luís Sanchez, que com João Branco forma aquela dupla criativa de moda, percebeu terem escolhido a pessoa certa quando partilharam a mesma perspetiva e uma “certa loucura”. “A Joana preservou a história e o antigo, adaptando-o às nossas necessidades criativas; foi cúmplice na nossa loucura, integrando com facilidade o conceito ‘outro lado do espelho’, numa alusão à Alice no País das Maravilhas”, explica o designer de moda. Meticulosa a planear, Joana não esmoreceu quando percebeu que havia ali umas paredes húmidas e outras a deixar cair sedimentos...

O que também não a assustou foi o desafio lançado por Mariana Duarte Silva: converter um autocarro numa cafeteria. “O facto de ser um autocarro não torna o trabalho mais difícil do que, por exemplo, uma parede num dos restaurantes do José Avillez. Todos os desafios são igualmente interessantes, tudo é um problema para resolver. Depois, é uma questão de

A marca de Astolfi

O seu trabalho exige um confronto com os lugares e os seus habitantes, sejam designers, lojistas, chefes ou... clientes



2016 Bairro do Avillez, restaurante em Lisboa



2013 Park, bar com jardim suspenso no sexto piso de um parque de estacionamento, em Lisboa



2015 Mostra de uma loja da Hermès, em Barcelona



2012 Belcanto, restaurante em Lisboa



2007 Ateliê da dupla de criadores de moda Storytailors, no Cais do Sodré, em Lisboa



2016 Instalação na montra da loja de sabonetes Claus Porto, em Lisboa



2014 Cafeteria do Village Underground, em Lisboa

escala...", explica Joana. Desde 2009, altura em que Mariana chegou de Londres com a ideia de replicar o Village Underground que Joana a motivou para não desistir. "Quando chegou a hora de pegar em dois autocarros antigos da Carris, muito podres e em mau estado, não havia mesmo ninguém em Portugal ou no mundo mais preparado para o fazer", conta Mariana. "A Joana soube aproveitar todos os elementos fundamentais e característicos dos autocarros e construir dentro de um espaço tão pequeno uma cafeteria com 35 lugares sentados e uma cozinha modesta mas muito funcional". Para a artista foi um verdadeiro "trabalho de relojoaria".

Como artista plástica "a peça tem de casar completamente com o interior". É o que acontece com as suas instalações nos restaurantes do chefe José Avillez, no Chiado. Esta parceria começou, em 2011, no Cantinho do Avillez, onde a peça *A Conversa Ainda Não Chegou à Cozinha* cria a ilusão de um nicho, quando na verdade é um papel de parede cheio de utensílios de cozinha das décadas de 50 e 60. Já para o Belcanto, Joana criou uma estante de livros com uma frase de Fernando Pessoa: "Para ser grande sê inteiro". Mas foi já este ano, no recém-inaugurado Bairro do Avillez, que elevou a fasquia com *As Paredes Têm Ouvidos*, reinterpretação de um bairro lisboeta. Foi preciso arranjar lotes de azulejos para as fachadas de várias casas, como a da Bica com os bacalhau estendidos, encontrar caixas de correio, candeeiros, números de porta, campainhas, sino, buraco da fechadura... "Identifico-me bastante com a sua preocupação com o detalhe e uma grande relação entre tradição e modernidade. Essa ponte que faz, em quase todos os seus trabalhos, torna-os muito emotivos, pessoais e com uma identidade muito forte", descreve o chefe Avillez.

Apesar de o mundo já ter descoberto o seu trabalho, em 2009, com a sua peça mais icónica, *iShells*, uns auscultadores feitos com dois búzios, Joana Astolfi está transformada agora numa verdadeira mulher de negócios que, no imediato, só pensa na internacionalização do seu trabalho, de preferência em Nova Iorque, Brasil e Tóquio. O mundo vai ouvir o seu nome? **||**

scalheiros@visao.imprensa.pt